

O Estado de S. Paulo

18/5/1984

A revolta em Guariba

Sem greve, calma volta ao Interior

A revolta dos bóias-frias de Guariba terminou. Após seis horas de negociações, mediadas pelo secretário do Trabalho do Estado, Almir Pazzianotto, representantes de dois sindicatos patronais e de quatro de trabalhadores rurais assinaram, no final da tarde de ontem, em Jaboticabal, o acordo coletivo aprovado depois, em assembléia, pelos bóias-frias. Cerca de 15 mil volantes de Guariba e Monte Azul estavam parados desde terça-feira, reivindicando reajuste das cotas para o corte da cana-de-açúcar. Ficou decidido que voltariam a trabalhar nos canaviais na madrugada de hoje. Mas resta outro impasse a ser resolvido: o dos colhedores de citros de Bebedouro, Barretos e Monte Azul, ainda em greve.

O acordo, firmado em Jaboticabal, atende a 90% das reivindicações dos bóias-frias — do elenco de 19 itens apresentados na planilha apenas a garantia de emprego no período da entressafra não foi aceita pelos fornecedores de cana. A maior conquista foi a elevação do pagamento para a tonelada cortada de cana de Cr\$ 1.200,00 para Cr\$ 1.690,00. Os volantes conseguiram também a ratificação do compromisso firmado na terça-feira, que restabelece o sistema de corte em cinco ruas, ao invés de sete, e a alteração dos métodos de avaliação da produção, que agora passa a ser feita por metro linear, e não mais por tonelada, através da utilização de compassos fixos de dois metros de comprimento. O pagamento, entretanto, será calculado à base do custo do corte por tonelada. O processo é simples: cada bóia-fria terá o controle de sua produção em metros lineares dentro de um talhão de cana. Após a execução do trabalho, será apurada a tonelagem colhida para a conversão do valor em metro linear, e assim, em dinheiro.

O acordo de Jaboticabal — cidade escolhida como local das negociações, por ser considerada "campo neutro" entre as duas partes — beneficiará, além de Guariba e Monte Azul, mais seis municípios da região de Ribeirão Preto: Dobrada, Barrinha, Taiúva, Santa Ernestina e Taiacu. Da mesa de negociações, aberta às dez horas e encerrada somente às 16 horas, participaram os presidentes dos sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal, Benedito Vieira de Magalhães; de Barrinha, José Albertini; e de Cravinhos, Antonio Crispim da Cruz, além de um representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de São Paulo, Emílio Bertuzzo. Os fornecedores de cana foram representados pelos presidentes dos sindicatos patronais rurais de Jaboticabal, José Hamilton Montans; e de Guariba, José de Laurentis Júnior. Uma comissão de seis bóias-frias grevistas também participou das conversações juntamente com o advogado Márcio Maturano, do Sindicato da Indústria de Açúcar do Estado de São Paulo.

POSIÇÕES

O secretário do Trabalho do Estado, Almir Pazzianotto, considerou o acordo "razoável para as duas partes", mas lembrou que ainda há um grande problema a ser resolvido: "Bebedouro é um centro de irradiação de novos conflitos, onde os bóias-frias reivindicam benefícios semelhantes para voltarem a colher os citros". Pazzianotto observou que "o sucesso das negociações vai depender, ali, muito do que resolverem os patrões", e criticou o sistema adotado: "Eu não sei porque as conversações sobre os salários ocorrem no início de cada safra, e não em setembro, quando é realizado o dissídio coletivo da categoria. Da maneira como é feito agora, a probabilidade de uso impasse é sempre muito grande".

Pazzianotto define o acordo como razoável, mas os fornecedores acham que foram os únicos prejudicados. "Vamos conceder um reajuste de 320% aos cortadores no período de apenas um ano, enquanto nesse mesmo espaço de tempo a elevação do preço da cana para as usinas não chegou a 150%", diz o presidente do sindicato patronal rural de Jaboticabal, Luis Hamilton Montans. Em uma reunião informal com alguns produtores, após a assinatura do acordo, Montans decidiu que nas próximas semanas os plantadores reivindicarão junto ao Instituto do Açúcar e do Alcool o reajuste do preço da tonelada de cana para as usinas, hoje fixado em Cr\$ 11 mil. Segundo ele, "a este preço só pagamos o cortador de cana e o transporte, não sobra nada nem mesmo para novos investimentos no cultivo".

Os bóias-frias estavam eufóricos com o acordo e com a possibilidade futura de uma nova negociação do único item não aceito pelos patrões: a estabilidade de emprego no período da entressafra. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal, Benedito Vieira de Magalhães, explica: "Só o fato de nos sentarmos em uma mesa para discutir com os empregadores já é uma grande vitória, um marco inédito na história do trabalhador rural. Com isso, muitas famílias poderão sobreviver".

(Página 10)